

O olhar de Júlio César sobre a imigração helvécia na província gaulesa de Roma

Felipe Martins Ferreira de Rezende ¹

1. Introdução.

A imigração do povo helvécio, no século I a. C. oriundos da região da atual Suíça, para a província romana a oeste da Gália, foi um acontecimento que marcou o ápice da política de Roma. Nesta época, o domínio desta província gaulesa estava sob o comando de Júlio César, tendo o mesmo escrito a sua mais célebre obra “*Comentarii De Bello Gallico*”, composta de relatos sobre o confronto com os celtas (ou “gauleses”, termo que, de acordo com o próprio Júlio César, os romanos se utilizavam para se referirem a este povo).

Este artigo propõe analisar a visão que César possuía a respeito da imigração e suas relações com o povo helvécio. Para ele, a migração era vista como uma forma de oportunidade por parte dos helvécios, além do retrato que faz do líder, Orgétorix, como um indivíduo dotado de ambições ². A partir deste olhar, notamos uma projeção da imagem romana, no que diz respeito à busca de vitórias e as ambições que circundavam a vida de um soldado – “*miles*” –, sobre os helvécios, tidos como bárbaros, já que não possuíam a cultura greco-romana.

2. Júlio César: a biografia dentro de Plutarco.

Vejamos uma passagem da eloquência de César no tribunal e sua relação com o povo romano:

“Em Roma, a eloquência de César brilhou no Tribunal e lhe deu grande prestígio. Sua afabilidade, sua polidez, a acolhida graciosa a todos, qualidades que possuía em alto

¹ Graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Membro do NEHSC – Núcleo de Estudos de História Social da Cidade –PUC/SP.

² GOLDSWORTHY, A. César: A Vida de um Soberano, p. 274.

grau, lhe outorgaram a afeição popular; por outro lado, a suntuosidade de sua mesa e a magnificência em toda sua maneira de viver, aumentaram pouco a pouco sua influência e seu poder no governo. Os que o invejavam, de início persuadidos que a falta de poder e a despesa excessiva, derrubaria sua força, deram pouca atenção ao que ele fazia pelo povo. (...) à doçura da conduta política de César, comparava a bonança do mar, admitindo a malvez de seu caráter, encoberto pela polidez e pela graça”³.

Ao citar feições como afabilidade, acolhida a todos, magnânimo na maneira de viver em Júlio César, Plutarco refere-se às características próprias de sua formação e educação que, como qualquer cidadão romano – ainda mais sendo parte da aristocracia –, se baseava em valores humanos, a começar pelo respeito aos antepassados de sua família, passando pelo aprendizado de condutas humanas como *dignitas*, *pietas* e *virtus*. Era de extrema importância a sobriedade, que correspondia à responsabilidade de um homem. A virtude estava relacionada à vida militar, incluindo coragem, confiança e habilidades de soldado e comandante. E tudo isto ocorreu em César desde a preparação em sua infância, permanecendo até a vida adulta, conforme a criação que lhe fora dada tanto por parte de pessoas mais velhas em sua família quanto por preceptores responsáveis, que pensavam em seu futuro na carreira política, sendo a função de um romano. Existia também o papel de deixar o legado de suas glórias para as gerações posteriores, o que acontece quando seu sobrinho, Otávio Augusto, se torna o primeiro imperador de Roma, mas aparentemente não tendo nenhum traço análogo ao de César⁴.

De acordo com Plutarco, é inegável a habilidade de César para as questões políticas, bem como o seu desejo de conquista de territórios. Mas, ao contrário, Júlio César é mostrado com uma certa humildade, o que faz pôr em dúvida se isso seria, de fato, sua personalidade, ou apenas estratégia política perspicaz⁵.

³ PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Alexandre e César*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

⁴ Cf. GOLDSWORTHY, A. pp. 49-62.

⁵ Op. cit., p. 58.

Como cita Plutarco, em *Vidas Paralelas*:

“Mas o que, acima de tudo, fez eclodir abertamente o ódio e a vontade de assassiná-lo foi seu desejo apaixonado de ser rei. (...) Num dia em que César descia de Alba para Roma, eles corajosamente saudaram-no com o título de rei. Mas vendo a comoção do povo, César se zangou e declarou que seu nome não era rei, mas César. Ouvindo isso, todos ficaram em silêncio e ele seguiu caminho, com o rosto sombrio e triste. Os cônsules e pretores, seguidos por todo o Senado, se aproximaram dele. Então, em vez de se levantar, ele agiu como se tratasse com simples particulares e declarou que suas honrarias deviam ser diminuídas, e não aumentadas. Essa atitude contrariou o Senado e também o povo, que achou que na figura dos senadores, Roma inteira era humilhada” ⁶.

Quanto ao seu desejo imenso de se tornar um conquistador, pode estar mais relacionado à satisfação do seu próprio ego, isto é, uma cobrança de si para consigo mesmo:

“Seus numerosos sucessos, em vez de incitarem-no a gozar os frutos de seus trabalhos, somente o inflamavam e encorajavam, inspirando-lhe, para o futuro, projetos e ações mais grandiosos e o desejo apaixonado de novas glórias” ⁷.

Após a batalha de Farsália, César vai pro Egito entre 48 – 47 a. C. Lá, ele tem de resolver questões de ordem política com Cleópatra, a rainha do Egito, herdeira e sucessora dos Ptolomeus. Colocando-se como intermediário entre a rainha e seu irmão, ele dá início à reconciliação entre Roma e Egito, sendo que esta se tratava apenas de um pretexto para aumentar a dependência entre as duas partes. César se instala no palácio real, exigindo a vinda do rei e da rainha. De volta à Alexandria, após a vitória, César passou ainda três meses no Egito, ao que se sabe, por amor à Cleópatra, mesmo quando seus adversários recompunham as forças no Mediterrâneo. Nenhuma razão explica com exatidão o prolongamento de César no Egito. Apiano, em *Guerras civis*, aponta que ele “percorreu o Nilo com quatrocentos barcos e admirou a

⁶ PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Alexandre e César*, p. 172.

⁷ *Ibid.*, p. 170.

paisagem em companhia de Cleópatra, que também lhe proporcionava muito prazer.” Depois das guerras bem sucedidas, César descansou, junto com o amor da rainha e às vistas ao Egito. Ainda segundo Apiano, César consultava os sacerdotes egípcios, como Alexandre, que nos aproxima da ideia de “inspiração” de César por Alexandre ⁸.

Plutarco não tem certeza sobre os motivos da guerra de Alexandria. Afirma que uns acham que foi o amor de César por Cleópatra, com vergonha mediante sua reputação e perigos para sua pessoa; outros acusam os ministros do Rei, o eunuco Potin, de afastar Cleópatra e armando emboscadas contra César. César a reconciliou com o irmão com a condição de ela participar do trono. Em meio a tantos ocorridos com os alexandrinos, César deu a Cleópatra todo o reino do Egito; ela, pouco depois, deu à luz a uma criança que os alexandrinos chamaram Cesário ⁹.

Plutarco rompe com a maneira tradicional de se fazer História, embora não se considere um historiador. *Vidas Paralelas* é, de fato, uma obra mais associada à filosofia do que à História, mas nada impede que o historiador transforme a obra em fonte histórica, a partir do momento em que pretendemos inovar a maneira de se produzir História, partindo da chave principal e analisando o meio em que está inserido e suas relações.

É o que será feito com Júlio César, já que não se pretende tratá-lo como um deus, a exemplo dos moldes gregos, e nem colocá-lo num pedestal como um dos grandes homens políticos, e sim procurar entender a sua figura e como é vista pelo povo romano.

Os romanos, de forma geral, não viam com bons olhos a chegada de migrantes, ao ponto de impedir que chegassem próximo às suas províncias ¹⁰. Nesta época, o número de migrantes era extenso, incompativelmente com número dos

⁸ SCHWENTZEL, C-G. Cleópatra, pp. 31-35.

⁹ Ibid., p. 35.

¹⁰ GOLDSWORTHY, A., p. 275; 277.

membros das legiões de César, que era menor. Por isso, César aumentou a quantidade de soldados da província, incluindo tribos aliadas.

3. Causas do reflexo da imagem romana sobre os “bárbaros”.

Este ensaio se centra nas seguintes questões: por que César projeta uma imagem em relação aos helvécios, que é composta basicamente por características típicas dos romanos? Estas, como referimos no início, se referem à busca de vitórias e as ambições que eram próprias dos soldados romanos, inclusive a do próprio Júlio César. Seria uma forma pessoal de entender o mundo, partindo-se do modelo romano?

O século final da República foi marcado por intensos conflitos sociais internos, daí a denominação, por alguns autores, de “crise social da República” ¹¹. Um dos resultados é o destaque de Roma em suas vitórias externas nas conquistas territoriais. A luta dos camponeses pela terra, iniciada com os Graco, retornava em novos aspectos que ameaçavam o seu exército. Contribuía, desse modo, o enfraquecimento do exército, diminuindo a classe de pequenos proprietários. Entretanto, as ambições econômicas permanecem, sendo, neste período, fomentadas nas pressões da época de Mário e sucessores para a distribuição de terra aos veteranos ¹², sendo que estes caíam sobre os camponeses. A aristocracia do Senado terá suas vantagens por conta dos saques no Mediterrâneo, seguidas às anexações de Roma como um todo, dando origem à fortunas em tributos, extorsão, terras e escravos, não doando, de forma alguma, essas quantias aos soldados que, de certa forma, eram responsáveis por esse ganho. Fazendo estas operações monetárias, teria o significado, para o Senado, de aumento de renda para as classes detentoras de propriedades. Tendo isto, foi

¹¹ ALFOLDY, G. *História Social de Roma*, p. 81 – 109.

¹² BALDSON. *O Mundo Romano*, p. 45 – 47.

criado um benefício dentro dos exércitos direcionado aos generais vitoriosos, que garantiam seus soldados ou si próprio. Na época de Mário e Sila, os soldados se dirigiram aos generais para modificações econômicas, e os generais usavam os soldados para avanços políticos e poder pessoal. Portanto, os exércitos eram instrumentos dos comandantes populares e as guerras se tornaram algo de pouco valor para alguns cônsules como Pompeu na Bitínia, Crasso na Pártia, César na Gália, determinando seus planos de estratégias. Neste momento é que irão surgir as rivalidades das facções que irão se prolongar para além de Roma, originando as guerras civis ¹³.

Paralela a este cenário era cada vez maior a miséria dos camponeses, responsáveis pela desordem militar, e a condição da parte urbana, que se dará na crise do poder do Senado.

César fará oposição aos senadores e estes, num momento em que ainda ambicionavam o poder e toma-lo para si. A ditadura de César acontece num momento em que a República necessitava de urgentes reformas solicitadas pelo povo. Deste modo, a ditadura de César foi algo consentido pelo *populus romanus* ¹⁴.

Diante dessas agitações políticas, César, por volta de 48 a. C. acalma a plebe e distribui víveres e dinheiro. Ainda que possamos visualizar aqui uma estratégia política, é natural que assim seja feita, visto que César também objetivava preservar a sua figura política e, conseqüentemente, a sua "*dignitas*". O que nos é importante é partir do pressuposto de que todos os políticos desfrutavam de suas estratégias, mas o problema está em como isso afeta a vida do povo que, na maioria das vezes, está voltado para os próprios interesses e ambições do político. Ao que parece, César faz uso contínuo de suas estratégias, porém, com pouco ou nenhum prejuízo para com a plebe.

¹³ Para maiores informações, veja ANDERSON, P. Passagens da Antiguidade ao Feudalismo.

¹⁴ ROSTOVTZEFF, M. "Ditadura de César: A Terceira Fase da Guerra Civil" In: História de Roma.

Caio Júlio César (100 – 44 a. C.) é oriundo de uma família patricia – a *gens* Júlia – uma das mais importantes de Roma. Portanto, entendemos que é natural a atitude de César em querer obter glórias a partir das conquistas que realizou. Sabemos que fazia parte da vida do cidadão romano a sua interação na vida política desde o seu nascimento, pois o mesmo era preparado para atuar geralmente no exército e nos demais postos da vida pública ¹⁵. Com isto, era inerente o desejo de aspiração de conquistas, glórias, etc. A política romana era estruturada em ordens. O político deveria passar a todos os níveis, desde tribuno militar, cavaleiros, até senadores. Era facilitado por ter um *pater* no Senado. Tudo isto determinava não só o poder adquirido como também a *dignitas*, isto é, a honra. Podemos resumir a política de Roma como sendo de caráter patriarcal, hereditária.

O povo romano, apesar de ser o dono das decisões, através das assembleias populares, tem certa restrição por conta de sua renda. Por isso, nem todos os romanos participavam da política. Apesar de votarem, a escolha é feita tendo por base a quantidade da renda. Logo, os quais ela é baixa tem pouco ou nenhum valor a sua escolha. Daí o fato de que a parte mais rica da plebe é que consegue os direitos de ampliar a participação, ao lado dos patrícios – a chamada *Nobilitas*.

Portanto, o político, que passa pelos níveis de soldado, oficial e militar, tem sempre uma recompensa, desde que siga a moral adequada, durante a fase iniciante. E também vai adquirir a oratória, ferramenta essencial ao político, dos quais alguns farão grande uso por conta da habilidade, que são os chamados “demagogos”.

4. Considerações Finais.

Tendo, portanto, esta breve descrição do que foi o político romano, chegamos a uma compreensão do perfil político de César, explicando também os seus atos.

¹⁵ GIARDINA, A. “O Cidadão e o Político” In: O Homem Romano.

César, como qualquer político romano, possuía ambições pessoais e seu objetivo era a conquista de glórias, por conta do ambiente em que fora educado, isto é, a preparação, desde a mais tenra idade, para a vida política e militar.

Uma outra análise que possibilita um entendimento maior de seu perfil é a complementação com as fontes, que são os seus escritos: o *De Bello Gallico* e o *De Bellum Civile*. A própria maneira com que César escreve os seus célebres tratados pode nos dar um indício parcial de sua pessoa. César escreve de uma maneira clara, simples, de fácil entendimento ¹⁶, não só por se tratar de um gênero historiográfico – se, por exemplo, comparado a Cícero, que compõe tratados filosóficos, recorrendo, por isso, a um vocabulário mais elaborado – mas também por uma necessidade de se fazer compreendido, visto que seu objetivo com o relato histórico era o da preservação da memória romana através dos feitos ¹⁷.

A chegada dos helvécios na província gaulesa romana ocorre num momento em que Roma se encontra numa situação crucial de sua história. E as inúmeras passagens que César faz menção aos helvécios no *De Bello Gallico* nos mostra claramente os traços típicos dos romanos que descrevemos. Na Introdução deste ensaio, citamos uma passagem de um autor moderno, Adrian Goldsworthy, que aponta que César enxerga a migração como uma maneira oportunista para os helvécios.

Percebemos que, neste caso em específico, César, que adotara uma postura antagônica em relação ao Senado, direciona uma crítica que deveria ser atribuída a este, mas a desloca ao povo migrante. Com isto, nos parece que César tenta deixar

¹⁶ CARDOSO, Z. A. “César” in: A Literatura Latina.

¹⁷ Cícero possui esta opinião ao escrever uma carta direcionada a Lucílio no seu *Ad Familiares* V, 12. Este apontamento, inclusive, caracteriza uma das definições de História na Antiguidade, ou seja, como os antigos viam a História, que se relaciona com a memória e a precisão com que deve ser escrita. Vários historiadores modernos, como Collingwood, Le Goff escrevem sobre a Historiografia Antiga. Um artigo que nos parece interessante: CHIAPPETTA, Angélica. Não diferem o historiador e o poeta. O texto histórico como instrumento e objeto de trabalho. In: Língua e Literatura, v. 22. São Paulo: USP, 1996, pp. 16-34.

implícita a referência ao Senado. Obviamente que César lutava contra a chegada dos helvécios, ainda mais que estes se localizavam numa província conquistada por ele, que era a Gália. Porém, não podemos afirmar se esta implícita referência é feita propositalmente ou não por César. Os romanos, de forma geral, por questões de formação, que incluía um “amor à pátria”, tendiam a enxergar o mundo a partir do seu, ainda mais no caso de se tratar de uma tribo bárbara, que não possuía cultura greco-romana. Talvez estes sejam as únicas referências que César tenha de um modelo político, como qualquer outro romano teria.

Assim como o retrato que faz Orgétorix, líder dos helvécios que, segundo ele, era um “*indivíduo dotado de ambições*”. Já vimos, ao descrever ao político romano, quais as razões que levaram o mesmo a possuir sentimentos de ambições. Roma era uma civilização em que a competitividade se fazia presente a todo momento. Este fator explica os conflitos que se acirraram no século I a. C. iniciados praticamente durante a passagem da Monarquia para a República, quando os reis etruscos foram depostos pelas famílias patrícias, que formarão o Senado. As desigualdades em relação aos plebeus serão consideráveis ao ponto de, em 367 a. C. surgir uma lei, a Licínia Séxtia, que irá garantir uma participação dos plebeus (ainda que somente os enriquecidos) na política, através da formação dos tribunos da plebe. César vai se deparar com a parte mais pobre da plebe em condições miseráveis, ao lado da *Nobilitas*, nome correspondente a esta nova classe de plebeus enriquecidos que tinham acesso ao consulado.

César, ao fazer esta projeção do romano aos helvécios, já neste período, irá preparar o terreno da “Roma universal”, isto é, de Roma como o centro do mundo, que tomará forma com o surgimento do Império no século I a. D. sob o comando de Augusto que, de fato, colocará em prática esta visão, à qual farão uso os imperadores posteriores, ocasionando a degenerescência do Império e, por conseguinte, do apogeu de Roma.

FONTES

PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Alexandre e César*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFOLDY, Géza. *História Social de Roma*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BALDSON, J. P. V. D. *O Mundo Romano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A Literatura Latina*. São Paulo : Martins Fontes, 2003.

CROOK, J. A.; LINTOTT, A. RAWSON, E. (orgs.). *The Cambridge Ancient History: The Last Age of the Roman Republic*. Vol. IX. Cambridge: University Press, 2006.

GIARDINA, Andrea. *O Homem Romano*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

GOLDSWORTHY, A. *César: A Vida de um Soberano*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 2011.

ROSTOVTZEFF, M. *História de Roma*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

SCHWENTZEL, C. G. *Cleópatra*. Porto Alegre: L&PM, 2009.